

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**A TRAJETÓRIA DE UM DIGITAL INFLUENCER COMO O PERSONAGEM DO
MÁRIO BROS NO INSTAGRAM**

MANAUS – 2023

WESLEY OTÁVIO MENEZES DE OLIVEIRA

**A TRAJETÓRIA DE UM DIGITAL INFLUENCER COMO O PERSONAGEM DO
MÁRIO BROS NO INSTAGRAM**

Monografia apresentado à Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito para a obtenção da nota parcial da Disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I do Curso de Pedagogia sob coordenação da Profa. Dr^a Osmarina Guimarães de Lima.

Orientadora: Profa. Dr^a Maria Evany do Nascimento

MANAUS – 2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

W514at Oliveira , Wesley Otavio Menezes de
A TRAJETÓRIA DE UM DIGITAL INFLUENCER
COMO O PERSONAGEM DO MÁRIO BROS NO
INSTAGRAM / Wesley Otavio Menezes de Oliveira .
Manaus : [s.n], 2023.

44 f.: il.; 6 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura -
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2023.

Inclui bibliografia

Orientador: Maria Evany do Nascimento

Coorientador: Vanderlete silva

1. Rede sociais . 2. Super Mário bros . 3. Instagram
. 4. Educação . I. Maria Evany do Nascimento (Orient.).
II. Vanderlete silva (Coorient.). III. Universidade do
Estado do Amazonas. IV. A TRAJETÓRIA DE UM
DIGITAL INFLUENCER COMO O PERSONAGEM DO
MÁRIO BROS NO INSTAGRAM



WESLEY OTÁVIO MENEZES DE OLIVEIRA

**A TRAJETÓRIA DE UM DIGITAL INFLUENCER COMO O PERSONAGEM DO
MÁRIO BROS NO INSTAGRAM**

Monografia julgada adequada para obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas.

DATA DA APROVAÇÃO: 13 / 09 / 2023

BANCA EXAMINADORA

maria evany do nascimento

Profa. Dra. Maria Evany do Nascimento
Orientadora

Valdemir de Oliveira

Prof. MSc. Valdemir de Oliveira
Membro

Meire Terezinha Silva Botelho de Oliveira

Profa. Dra. Meire Terezinha Silva Botelho de Oliveira
Membro

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho à minha mãe Marta Helena Menezes Pereira que desde pequeno, com todas as dificuldades devido à minha deficiência, nunca desistiu de mim e sempre me incentivou a manter o foco nos meus estudos e ser uma boa pessoa para aquelas que convivem comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus que me deu forças todos os dias, ânimo e saúde, já que não foi fácil para a conclusão desse curso.

Agradeço aos meus amigos de curso que sempre seguraram a minha mão para não desistir e sim persistir.

Agradeço à minha família também que sempre me apoiou tanto na minha vida acadêmica quanto na minha vida no mundo digital.

Agradeço à coordenação do meu curso que sempre se preocupou comigo perguntando como estava o andamento e ao nosso secretário Marcos que sempre estava disposto a tirar nossas dúvidas e nos socorrer em momentos difíceis.

Agradeço aos nossos professores que sempre foram aptos e dinâmicos em suas disciplinas.

Agradeço aos meus amigos e vizinhos do meu bairro que sempre gostaram de gravar vídeos comigo e me incentivarem.

Por fim agradeço à todos que passaram pela minha vida e que me incentivaram a concluir esse curso.

Rir é um ato de resistência

Paulo Gustavo

RESUMO

Como estudante de Pedagogia da UEA com Osteogenesis Imperfeita, descobri o impacto notável da utilização de personagens como Mario Bros no processo de aprendizagem. A resiliência e a determinação de Mario em superar obstáculos ressoam nos meus próprios desafios. Incorporar a cultura popular na educação ajuda a envolver os alunos com deficiência, tornando a aprendizagem mais agradável e acessível. Com isso, o presente estudo tem como descrever a influência das mídias sociais no ensino por meio do personagem Mario Bros. Esta pesquisa é de natureza qualitativa descritiva, utilizando informações coletadas a partir de uma revisão bibliográfica em fontes amplamente reconhecidas, incluindo o Google Acadêmico, Pubmed e o Scielo, juntamente com nossas próprias narrativas. Utiliza-se estudos publicados entre 2017 e 2023 para sedimentar nossas percepções e para as discussões adota-se o método indutivo. Os resultados da pesquisa bibliográfica indicam que plataformas como o Instagram transformaram o cenário de ensino e aprendizagem. Sua natureza visual e interativa estimula a criatividade e a colaboração, aprimorando a experiência educacional. Estratégias inclusivas como essas capacitam alunos como eu a prosperar em nossa jornada educacional. Conclui-se que o vasto potencial de colaboração entre educadores e alunos no âmbito digital, exemplificado pela nossa transformação no personagem Mario em um influenciador digital, mostrando o poder da perseverança na superação de desafios pessoais. Esta narrativa repercute naqueles que enfrentam obstáculos educacionais, motivando-os a superar as adversidades. Reflete também sobre a natureza evolutiva da educação na era digital, onde as plataformas de redes sociais oferecem espaços de aprendizagem alternativos adaptados aos estilos individuais. Além disso, destacamos a importância da inclusão na educação, quebrando estereótipos e defendendo ambientes acessíveis.

Palavras-Chave: Redes Sociais. Mario Bros. Instagram. Educação.

ABSTRACT

As a Pedagogy student at UEA with Osteogenesis Imperfecta, I discovered the remarkable impact of using characters like Mario Bros in the learning process. Mario's resilience and determination to overcome obstacles resonates with my own challenges. Incorporating popular culture into education helps engage students with disabilities, making learning more enjoyable and accessible. Therefore, the present study aims to describe the influence of social media on teaching through the character Mario Bros. This research is qualitative and descriptive in nature, using information collected from a bibliographic review in widely recognized sources, including Google Scholar, Pubmed and Scielo, along with our own narratives. Studies published between 2017 and 2023 are used to consolidate our perceptions and the inductive method is adopted for discussions. The results of the bibliographical research indicate that platforms like Instagram have transformed the teaching and learning scenario. Its visual and interactive nature encourages creativity and collaboration, enhancing the educational experience. Inclusive strategies like these empower students like me to thrive in our educational journey. It is concluded that the vast potential for collaboration between educators and students in the digital sphere, exemplified by our transformation of the character Mario into a digital influencer, showing the power of perseverance in overcoming personal challenges. This narrative resonates with those who face educational obstacles, motivating them to overcome adversity. It also reflects on the evolving nature of education in the digital age, where social media platforms offer alternative learning spaces tailored to individual styles. Furthermore, we highlight the importance of inclusion in education, breaking stereotypes and defending accessible environments.

Keywords: Social media. Mario Bros. Instagram. Education.

LISTA DE SIGLAS

APP – Aplicativo

CAPED – Centro Acadêmico de Pedagogia

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ENS – Escola Normal Superior da UEA

LEPETE – Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação da UEA

PCD – Pessoa com Deficiência

RU – Restaurante Universitário

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Fotos com a turma de Pedagogia da UEA	15
Figura 2 Fotos com as crianças durante as atividades do LEPETE	21
Figura 3 Fotos de diversas atividades do LEPETE	22
Figura 4 Fotos do meu Instagram: “Wesley com Rodas”	28
Figura 5 Eu com a Ruivinha de Marte e em um show em Manaus.....	30

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CAPÍTULO I	10
3	CAPÍTULO II	15
	3.1 Minhas memórias na UEA, minha vida no Instagram e a construção do personagem do Mario Bros	15
4	CAPÍTULO III	23
	4.1 Minha vida no Instagram como começou	23
	CONCLUSÃO	36
	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Quero te convidar para dar uma volta comigo no meu “carrinho” (minha cadeira de rodas) em uma pista cheia de curvas e aventuras. Vamos entrar no meu mundo e enfrentar algumas dificuldades da vida. Sou Wesley Otávio Menezes de Oliveira, finalista do curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e venho através desse TCC compartilhar as minhas experiências de vida até chegar ao Wesley com Rodas, um digital *influencer*.

Atualmente faço meus vídeos vestido do personagem Super Mario que está inserido nos jogos eletrônicos desde 1983, uso esse personagem justamente para trazer leveza e para chamar atenção das pessoas. Nos videogames, o Mario é um encanador que viajava pelo Reino dos Cogumelos derrotando inimigos como Goombas e Koopas e salvando a Princesa Peach das garras do Bowser, o Rei Koopa. No mundo real também é assim, também encontramos dificuldades, mas temos que estar dispostos a vencer, sempre com um objetivo.

Tenho mais de 30 milhões de seguidores e com cerca de 350 postagens, onde adoro cantar e atuar nos meus vídeos, amo fazer eventos para minha comunidade, sendo de lá onde sai a maioria dos meus vídeos. Eu venho lutando contra o preconceito de uma forma mais colorida com risos e alegria, demonstrando que a vida tem que ser vivida por todos.

Eu gosto de estar perto de muitos amigos e amo viver meus momentos sendo gravado para deixar registrado para meus seguidores. Eu amo pensar que os conteúdos deve ser algo interessante e divertido do dia a dia por isso meu maior público maior são as crianças, e por conta disso, presto muita atenção no que pode e o que não pode influenciar elas.

Dessa forma, o objetivo geral desse estudo é descrever a influência das mídias sociais no ensino por meio do personagem Mario Bros. E como objetivos específicos, tem-se de apresentar a trajetória pessoal do autor desse estudo por meio do personagem Mario Bros; Refletir sobre o uso das TIC's no processo de ensino e aprendizagem; Discorrer sobre as influências das redes sociais como ferramenta pedagógica.

O que me levou até esse tema foi as minhas vivências nos estágios supervisionados onde percebi que as crianças estavam muito ligadas nas redes sociais como Instagram e TikTok. Verifiquei que por conta de eu ser um influencer, as

crianças ficavam muito perto de mim fazendo diversas perguntas curiosas, o que despertou em mim o interesse pelo tema.

O trabalho está dividido em 3 capítulos: o primeiro irá abordar sobre a vida de Wesley Menezes e suas dificuldades como portador da doença Osteogênese Imperfeita; no segundo irá abordar sobre suas vindas e desafios na UEA; e no terceiro irá abordar sobre o início da carreira como influencer digital.

2 CAPÍTULO I

Nasci no dia 20 de fevereiro de 2000, em uma cidade chamada Santarém do Pará. Venho de uma família humilde e de um lar cristão onde somos felizes, mas também passamos algumas dificuldades nesta cidade. Sou filho da dona Marta junto com o Sr. Oseias que tiveram 3 filhos (eu como o mais velho), meu irmão Yago e minha irmã Yasmim, ao total éramos 5 pessoas na família. Nasci com uma doença chamada Osteogênese Imperfeita, mais conhecida como Ossos de Vidro. É uma condição hereditária que interfere no processo de formação dos ossos, resultando em uma fragilidade anormal. Essa desordem é desencadeada por mutações em genes específicos. Os sintomas característicos englobam a fragilidade óssea, tornando os ossos suscetíveis a fraturas com facilidade.

E para completar, nasci prematuramente onde eu fiquei em uma incubadora, e não recebia nem mesmo leite materno. Eu andei até aos 6 anos de idade, mas por conta de fraturar muitas partes do corpo, fiquei com medo e com trauma, não queria mais sentir a dor de algo quebrado, e ao longo do tempo virei usuário de cadeira de rodas.

No decorrer da minha vida tive mais de dezenas de fraturas e já cheguei ao mundo com uma fratura. Minha família não sabia diagnosticar o que era e nem mesmo os médicos sabiam definir pois naquele tempo era escasso as informações sobre essa doença. Minha cidade era pequena e não era evoluída, as informações estavam começando a chegar. Chegou ao ponto dos vizinhos denunciarem meus pais por maus tratos pois eu chorava muito e ninguém sabia o que estava acontecendo, mas na verdade eu estava com alguma parte do corpo fraturada e como eu não falava, só sabia chorar, então minha família ficava sem entender e as fraturas eram constantes.

Quando criança, cheguei a cair da cama e fracturei o braço esquerdo, me levaram para o hospital e fizeram vários procedimentos. O tempo passou e quando fui retirar o gesso, os médicos não tinham colocado os ossos no lugar e assim houve uma negligência médica onde o meu braço ficou atrofiado. Quando os meus pais viram não souberam o que fazer pois não tinha a informação de como agir, e deixaram por isso.

Minha família sempre foi preocupada comigo, querendo saber o que estava realmente acontecendo, mas naquele tempo havia um preconceito grande no bairro onde nós morávamos. Os vizinhos comentavam entre si o que estava acontecendo com o neto da Dona Zuila. Os exames foram surgindo e as respostas foram

aparecendo para ter um diagnóstico correto de qual era minha doença, e assim foi constatando que eu tinha Osteogênese Imperfeita. Os médicos falaram para a Dona Marta que seu filho Wesley tinha alguns meses de vida e claro, minha família ficou desesperada com essa realidade, mas a Dona Zuila, uma mulher de Deus, junto com sua filha Marta não acreditaram nisso e confiaram no milagre, mas mesmo assim minha família ficou sem saber o que fazer e como ia cuidar e dar o suporte necessário, ainda mais vindo de uma família humilde.

Para complicar a situação morávamos perto do rio, onde meus tios tinham uma casa na beira do rio feita de madeira. Fomos um belo dia para a casa deles e nesse período eu estava com a perna fraturada. Minha mãe e meu pai cuidavam de mim, da minha irmã e do meu irmão. Meu irmão Yago por conta de ser uma criança com 04 anos de idade (e eu tinha 05), ele estava brincando com outras crianças e quando chegou a hora de voltamos para casa, fomos procurar meu irmão e não encontramos. Então foi a hora que todos se desesperaram em busca dele e quando o achamos ele estava morto debaixo da casa dos meus tios.

Infelizmente ele tinha caído no rio e faleceu afogado, ninguém ouviu ele pedir socorro. Todos ficaram desolados, gritávamos de desespero, minha mãe ficou sem chão ao ver ser seu filho ali naquela situação, tentamos reanimar, mas infelizmente não tivemos sucesso, no dia do seu velório eu dei para ela a minha melhor camisa que tinha, uma branca com uma imagem no peito, e eu com 5 anos de idade estava enfrentando a pior dificuldade da minha vida. Desde ali sempre busquei ser forte.

De 05 pessoas passamos a ser 04 e durante esse processo tive muitas fraturas e sofria muito. Então decidimos vir morar em Manaus a fim de buscamos tratamento para mim. Chegamos no estado e vimos que era uma cidade muito grande, mas minha mãe estava pronta para segurar na minha mão. Fomos morar na casa da mãe do meu pai que já residia em Manaus e eu como criança queira brincar com os meus primos, correr, me divertir, mas não podia. Uma vez brincando lembro que cai de cima de uma cadeira e quebrei minha tibia. Ficava triste pois eu queria ser que nem outras crianças.

A minha recuperação era mais de um mês pois o osso devia colocar um no outro. Nesse período quem sofria era eu e minha mãe, uma mulher guerreira que estava lado a lado comigo e me ajudava a amenizar minha dor. Lembro que quantas noites mal dormidas nós dois não tivemos, quantas vezes eu chegava e falava para ela que queria morrer, que não queria ver ela sofrer, queria que ela tivesse uma vida

também e que eu queria ser igual as outras crianças, normal. Era difícil até pra fazer minhas necessidades fisiológicas.

Como viemos para Manaus afim de buscarmos tratamento para a minha patologia e eu tinha muitas fraturas, quando isso acontecia, minhas pernas ficavam tortas e a única solução que os médicos davam era de desentortar fazendo cirurgia. Todo começo de ano eu fazia e ficava mais de 04 meses em recuperação em casa, passei mais de 6 anos consecutivos fazendo esses procedimentos, e isso me abalava psicologicamente e via que também minha mãe sofria, e por conta de ficar esses 4 meses em casa eu me atrasava na escola, até que fui ficando maior e decidi que não queria mais fazer os procedimentos cirúrgicos.

O tempo foi passando, meu pai conseguiu um emprego e conseguimos comprar uma casa de madeira, chegou o momento que iria começar a estudar e minha mãe foi em busca de muitas escolas em Manaus e nenhuma queria me aceitar com a minha patologia. Foi árduo e difícil, mas ela como uma mãe "leoa" entrou com um processo em uma escola próximo da minha casa para que eles pudessem me aceitar. Assim, eu ia começar a estudar já que era um direito meu ingressar numa escola e ter os conhecimentos básicos.

Foi então que fomos em busca de uma cadeira de rodas e conseguimos. Esse primeiro contato que tive foi incrível, libertador, pois quando sentei naquela almofada um novo ciclo começava. Ali sobre as rodas eu me via livre, sem ninguém pra me segurar. Mas eu deixava essa cadeira na escola onde começaria a estudar, minha mãe me levava todos os dias para a escola em uma bicicleta e as vezes ficava até com vergonha pois via outras crianças andando com seus pais e tinha uma vontade muito grande de um dia isso acontecer, mas fugia da minha realidade e não sabia pois eu era uma criança que não tinha noção.

Quando tive meu primeiro contato na escola, foi incrível. A professora me recebeu bem, e os alunos também, e claro minha mãe ficava com receio de como outras crianças iriam me receber e como eu iria me adaptar nessa nova fase. Como era de se esperar, eu poderia cair e quebrar algum osso. Um dia, alguns livros caíram em cima da minha perna e foi quando quebrou. Como a minha recuperação era mais de um mês em casa, a escola era bem compreensiva já que as professoras mandavam as tarefas para fazer em casa e não reprovar. Hoje vejo que se eu tivesse um contato maior com a classe teria sido bem melhor.

No Ensino Fundamental assim como tive muitas alegrias também tive muita tristeza. Foi o período que eu sofria bullying na escola, onde algumas crianças não gostavam de estar perto de mim, onde eles debochavam do meu braço torto, da minha perna torta, onde eu tive vários apelidos que me cercaram de tristeza como “aleijadinho” ou “perna torta”. Isso me doía e eu gritava por dentro “porque?”. Não tinha culpa de ter nascido assim e perguntava de Deus, “porque tu me colocaste no mundo pra sofrer?” e chegava para minha mãe chorando e via nos olhos dela a tristeza também, mas sempre fomos confiantes em Deus.

Já no meu Ensino Médio eu não ligava mais tanto para as críticas, não queria que isso me abalasse até porque estava feliz que estava acabando o Ensino Médio e queria ingressar em uma faculdade. Na escola tanto no Ensino Fundamental quanto no ensino médio, eu sempre fui popular e a grande maioria das pessoas falavam comigo e me cumprimentavam. Sempre fui muito falante e gosto até hoje de fazer novas amizades.

Hoje levo uma vida de *influencer* em Manaus em cima de uma cadeira de rodas (no meu “carrinho”). Tenho uma certa popularidade nas redes sociais, mas isso não aconteceu do nada, muitas coisas me incentivaram para gostar desse meio da arte quando era criança e sempre gostei de assistir filmes e me via neles. Por exemplo, eu amava o filme “High School Musical” que são vários jovens populares na escola que cantavam, atuavam, e tinha até uma blogueira, e quando eu via aquilo me incentivava e queria refazer no meu mundo nas minhas imaginações.

Lembro que assistia a série de humor “iCarly” que é uma jovem que tem alguns amigos, montam um cenário na sua casa em um depósito e criam um canal nas redes sociais e viralizam. Isso me incentivava muito porque eu me via gravando vídeos com alguma câmera e tinha vontade de montar em meu quarto um estúdio, mas nem câmera eu tinha. Isso só alimentava aquela vontade. Outro seriado também que contribuiu foi a “Hannah Montanah” que conta uma história de uma garota que canta no Ensino Médio e que também é uma pop star. Como eu era popular na escola, eu queria ser igual a Hannnah, sair cantando e ser bastante reconhecido. Esses filmes e seriados quando crianças alimentavam em mim uma vontade de sair da mesmice e buscar uma realização pessoal e profissional fazendo algo similar.

Eu venho de um lar cristão e toda minha família por parte de mãe são cantores e que tocam algum tipo de instrumento. Isso causa nas pessoas ao redor um certo tipo de popularização e eu sempre buscava de alguma forma isso pra mim, mas não

sabia como. Via minha tia cantar e o meu primo tocar violão e aquilo achava o máximo, fiz até aula de violão para querer aprender. Lembro que pedi para minha irmã gravar a primeira música que tinha aprendido no violão porque queria que as pessoas me descobrissem. As notas e o tempo da música estavam errados, mas ali estava eu.

Comecei a cantar na igreja e dentro desse meio evangélico eu era conhecido por todos. Gostava de animar quando cantava e lembro que assistia muitos vídeos no Youtube, buscava entender a dinâmica deles porque queria ser um. Até que um dia minha família colocou um Wi-Fi em casa e a primeira coisa que pensei foi “eu vou fazer um canal pra mim”. Meu pai e minha mãe tinham me dado um celular velhinho, então chamei meus amigos que tocavam instrumentos na igreja e fomos para casa e ensaiamos uma música. Montei um cenário com cartolina escrito “Canal Sou de Cristo” e o meu objetivo era postar vídeos cantando músicas evangélicas para a comunidade da igreja. Eu me achava o Whindersson Nunes e hoje olho esses vídeos e começo a rir, saia espalhando para todo mundo se inscrever e deixar um like, mas infelizmente não tivemos sucesso.

E hoje eu virei aquilo que desejava quando criança. Hoje as pessoas me reconhecem quando passo na rua e isso é gratificante pra mim pois pego as minhas vivências no mundo real e transformo em humor no mundo virtual, levando em consideração a pauta da inclusão e que um deficiente pode estar inserido no meio da sociedade sem restrição de viver. Hoje tenho mais de 130 mil seguidores e mais de 1 milhão de curtidas nas minhas redes sociais graças as plataformas TikTok e Instagram que mudaram minha vida e busco unificar isso com a educação levando humor.

3 CAPÍTULO II

3.1 Minhas memórias na UEA, minha vida no Instagram e a construção do personagem do Mario Bros

Em dezembro de 2019, eu recebi a confirmação que eu tinha passado no vestibular da Universidade do Estado do Amazonas-UEA e que iria ingressar na faculdade no Curso de Pedagogia. Fiquei muito feliz com o resultado, pois era uma Universidade pública que tem ótima reputação e meu sentimento era de gratidão pois eu era o único da minha família que ia ter um Curso Superior, alguém que um dia os médicos disseram que iria morrer ainda criança e que não teria muito tempo de vida. Porém, lá estava eu, todo feliz, em cima de uma cadeira de rodas, cheio de sonhos, com medos e aflito com o que estava por vir.

Figura 1 Fotos com a turma de Pedagogia da UEA



Fonte: Acervo do Autor.

Mas, eu estava confiante e acreditando nas promessas de Deus na minha vida. Nunca foi fácil, mas sempre coloquei um sorriso no rosto e não mostrava receio, porém, meu coração estava apertado, e com medo, pois a Universidade é bem longe de casa (cerca de 50 minutos). Minha preocupação era como eu ia chegar à Universidade porque sabia que minha família não iria conseguir sustentar por 4 anos e meio uma condução, visto que meus pais não tinham carro e tinham outras

demandas e de gastos (e eu não queria ser um problema). Mas mesmo assim, queria achar uma solução e ali comecei a ver a necessidade de tentar ser independente. Estava convicto que queria me enfrentar e ir em busca de novas conquistas, mas também sabia que não ia ser fácil os novos desafios que eu iria enfrentar.

Quando comecei a frequentar a Universidade em fevereiro de 2020, eu pensei que o local estava preparado para receber um cadeirante (ou que pelo menos deveria), mas não foi muito bem isso que aconteceu. Tomei um choque com a realidade que estava muito longe do que eu esperava. A unidade onde eu estudo é a Escola Normal Superior (ENS), que fica localizada na Avenida Djalma Batista (próximo ao Amazonas Shopping).

Cheguei lá e vi que a escola era de dois andares, e naturalmente pensava que teria um elevador. Procurei bastante com esperança de achar pois eu estava muito feliz e queria explorar a Universidade para conhecer, até que então, descobri que não tinha. Naquele momento me senti excluído de certa forma, pois sabia que não iria descobrir o que tinha no andar de cima, onde só ouvia algumas pessoas falarem “a lá em cima tem salas, laboratórios, tem uma sala que é do centro acadêmico que serve para os alunos descansarem e estudarem”. Você sabe quando eu fui lá? Nunca, por não conseguir ter acesso, já que só tinha uma escada que me impede de subir (sendo que é um direito meu, como aluno).

Os meus colegas de sala de aula e os alunos veteranos me acolheram muito bem, sempre atentos e perguntando como eu estava me sentindo. Os veteranos fizeram o trote com os calouros (que é algo cultural da Universidade, digamos que seja uma forma de “boas vindas”), onde eles nos pintaram e nos levaram para um semáforo para pedir dinheiro na rua. Esse dinheiro ia ser usado para fazer um café da manhã no dia seguinte e eu fui a pessoa que consegui mais dinheiro. Achei aquilo o máximo, porque estava me envolvendo com a turma e havendo ali um sentimento de inclusão.

Terminamos de fazer essa atividade e fomos almoçar no Restaurante Universitário (RU), quando eu chego na porta eu descobro que o local não tem acessibilidade. Ao invés de ser uma rampa, é uma escada íngreme com aproximadamente 10 degraus, então a única alternativa era eu ser carregado pelos meus colegas toda vez que fosse tomar café e almoçar, ou então ir pela porta dos fundos do restaurante que servia de entrada para os alimentos da empresa que fornece as refeições. Porém, para chegar nessa porta, eu tinha que fazer um percurso

por fora da UEA, passando pela calçada na rua e tendo a possibilidade de eu cair e um carro me bater ou qualquer outro acidente acontecer. O que piora ainda mais é que a calçada é toda cheia de buracos.

Durante os 4 anos e meio na Universidade, eu fiz esse percurso, a ponto de me perguntar porque dentro de uma escola de Ensino Superior temos que continuar enfrentando dificuldades? Aqui fica meu desabafo. Toda vez que eu entrava por aquela porta dos fundos eu me sentia oprimido, pois para eu entrar, precisava bater pra alguém me ouvir e abrir pra mim (aquela entrada era dos funcionários). As pessoas que estavam fazendo suas refeições ouviam as batidas, e quando eu entrava todos ficavam me olhando, fazendo eu me sentir constrangido e com vergonha. Os alunos que “andavam” tinham um bom acesso para entrar no RU ao contrário de mim, porém, nunca deixei transparecer essa minha tristeza, mas hoje eu posso escrever aqui “o que não me matou, me deixou mais forte”.

Eu fico me perguntando se a Escola Normal Superior (ENS) não estava pronta para receber um cadeirante? Uma Universidade pública (que é custeada pelo Estado do Amazonas e pelos impostos gerados através de empresas da Zona Franca de Manaus) que tem verba para fazer uma rampa, que luta por inclusão diariamente, que luta pela diversidade e igualdade, que tipo de igualdade é essa? Já que devia estar preparada para receber alunos PCD's, ou isso é culpa de quem está na gestão da universidade? Acredito que esses tipos de discurso deveriam sair de fora dos documentos e entrar em ações.

O Centro Acadêmico de Pedagogia (CAPED) me procurou para saber como estava sendo os meus dias na faculdade e foi quando eu comuniquei dessas dificuldades que estava vivendo. Procuramos levar isso para Reitoria, onde fizemos uma reunião com o então reitor para saber o que o mesmo poderia fazer. Ele e sua equipe apresentaram vários projetos para trazer acessibilidade na ENS e fomos confiantes que poderia ter um resultado (que seria uma implantação de um pequeno elevador), mas infelizmente isso não aconteceu, ficou só no papel e até hoje nem uma providência foi tomada sobre isso.

Então eu mesmo decidi que iria enfrentar isso sem baixar a cabeça, pois eu tinha uma meta de concluir meu curso, mas minhas preocupações até hoje não atendidas irão ficar para os novos cadeirantes que irão chegar. Eu e o CAPED fizemos tudo que estava no nosso alcance pra isso se reverter mais não tivemos sucesso. A reitoria chegou a mandar algumas rampas feitas de ferro para pôr no RU como forma

de solucionar o problema, mas houve uma falta de sensibilidade, pois colocaram uma rampa na entrada principal (que para chegar nela, precisa descer as escadas).

Os meus colegas até brincavam com isso “Wesley vai descer a escada do RU e colocar a cadeira de rodas na costa e depois usar a rampa”. Minha família nunca teve muitos recursos financeiros, sempre dependendo de órgãos públicos para ter uma cadeira de rodas e quando cheguei na Universidade, minha cadeira de rodas estava toda vulnerável. Minha preocupação era como ela ia aguentar, rodas desgastadas, pintura saindo, almofada com mofo. Então os alunos do Curso de Pedagogia e os professores se reuniram e fizeram uma rifa pra comprar uma cadeira de rodas nova pra mim e sem dúvida, foi uns dos momentos mais incríveis pra mim, onde a comunidade acadêmica me deu “pernas novas” e foi minha locomoção como forma de não desistir. Sem dúvidas, isso foi um marco pra mim e até hoje esse presente está comigo que me faz ir para todos os lugares.

Como meus pais não tinham carro, busquei me renovar e enfrentar a sociedade de cabeça erguida com um sorriso no rosto, em uma cidade chamada Manaus, onde não há uma estrutura boa para cadeirantes e muito menos ônibus adaptados, nunca foi fácil. Todo dia quando acordava de manhã para ir para a Universidade, eu dizia para mim mesmo “hoje é o último dia”, fazia aquilo como forma de me encorajar a não desistir.

Passei esse tempo todo indo e voltando de ônibus, cada viagem era uma história e com isso trazia uma bagagem triste por ter que encarar o não das pessoas, mas a alegria por estar tendo forças de lutar por mim mesmo, todos os dias eu pedia das pessoas “Moço, você pode me ajudar a subir no ônibus?” e a grande maioria ajudava, mas alguns se negavam, inventavam coisas, ou então olhavam para o lado, subiam rápido, e aquilo no fundo me doía, eu me fazia de cego e mudo para não me abater.

Um dia eu caí do ônibus e todos me olhavam naquele coletivo, sem contar o sufoco de muita gente e das várias vezes que me sentia constrangido porque em vez das pessoas me ajudarem, elas só encaravam. Quantas vezes cheguei na faculdade e ia para o banheiro chorar querendo desistir de tudo, mas ao final sabia que ia valer a pena, quando terminava ia com um sorriso no rosto como se nada tivesse acontecido porque não queria que os meus colegas tivessem pena de mim, queria ser forte e em seguida ia para a sala de aula. Mas glorifico a Deus que o motorista do

ônibus da linha 678 que fazia o trajeto para UEA, toda vez que me via, fazia questão de me carregar para subir no ônibus.

Quando chegava em casa minha mãe perguntava como tinha sido a aula e eu mentia falava que tinha sido “top”, mas na verdade matava esses leões diariamente. Durante umas das minhas idas para casa, apareceram 3 rapazes para me ajudar no terminal, eu sem entender nada deixei, mas na verdade eles me levaram para trás de um ônibus e anunciaram o assalto, levando o dinheiro que eu tinha.

Nunca foi vontade minha fazer o curso de Pedagogia, na verdade nem eu sabia o que eu queria cursar, assim que saí do Ensino Médio, uma coisa eu sabia na certeza que gostava de conversar e até pensei em fazer Psicologia.

Sempre gostei de estar na frente das coisas, organizações de trabalhos, coisas culturas dentro da escola e lembro que no Ensino Fundamental eu tive a coragem de ficar na frente da rádio da escola sem saber o que fazer, como iria falar no microfone para todos os alunos me ouvirem. Mas fui criando jeito, estudando e levando novos projetos para dentro da rádio. Eu era apaixonado por aquilo. 10 minutos antes de bater a campainha para irmos lanchar, eu já ia todo alegre para fazer o que gostava que era narrar.

Sempre gostei da área de artes, mas não sabia me definir se era aquilo que eu realmente queria para minha vida, até porque hoje as pessoas procuram muitas profissões que dão dinheiro, mas que não gostam. Já no Ensino Médio, eu participava do grêmio estudantil onde de certa forma, havia uma popularidade e me sentia muito bem, pois ali eu me achava e estava vencendo meus medos. Por conta de ver os gestores das escolas por onde passei, vi que eles tinham um domínio sobre os projetos e decisões, assim, decidi cursar a faculdade de Pedagogia. Mas a minha ideia não era ir para a sala de aula, e sim querer estar na frente das decisões e desenvolver projetos culturais para a comunidade escolar, além de ser um exemplo de superação.

Quando eu entrei para a Universidade, percebi que a Pedagogia não era só isso, mas que era um rio cheio de coisas e surpresas assim como o Rio Negro, onde não conseguimos ver nada, mas sabemos que ali dentro daquelas águas tem algo mágico. Tive várias experiências que fizeram eu desmistificar a ideia central que tinha antes, experiências que levo para minha vida, seja ela na internet ou na vida profissional e hoje consigo entender que vai muito além do portão da escola, pois inclui sentimentos, medos, felicidades, vontades e sonhos. Tive professores incríveis que incentivaram e me encorajaram a buscar novos conhecimentos.

Tive a honra de fazer uma visita técnica numa escola com a modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). O que mais me chamou atenção era a quantidade de alunos em sala de aula e percebi que a grande maioria era pessoas mais velhas. A professora pediu para eu ajudar um aluno a ler, cheguei perto dele e comecei a ensinar a família silábica do B. Senti que o jovem se retraiu um pouco pelo fato de termos aparentemente a mesma idade e eu estava um pouco inseguro porque nunca tinha vivenciado aquela situação, mas me mantive firme e continuei a atividade.

E vi ali o quanto era árduo o trabalho de um professor durante essa profissão. Verifiquei que tinha uma senhora com sua neta na sala e a mesma ensinava a avó a ler. Vivenciei também algumas falas dos alunos que diziam que aquela área era muito perigosa e tinha dias que os alunos não iam a escola por conta do tráfico, já outros ressaltaram que não iam porque moravam em casas localizadas em áreas de vulnerabilidade social. Conhecer essa realidade me deixou bem pensativo quanto a ser professor, a ponto de me perguntar o que posso fazer a mais para ajudar essas pessoas, esses sonhadores, esse público muito diferente do público infantil que me impactou como professor.

Na Universidade participei do projeto do LEPETE que é um laboratório de ensino e pesquisa transdisciplinar em Educação mediado pela professora Eglê Wanzeler, que funciona como um espaço para experiências pedagógicas que desenvolve duas dimensões que tem a escola o campo de investigação. O LEPETE tem vários projetos, e dentro do local tem a brinquedoteca que é onde eu tive a oportunidade de aprender e virar um brinquedista, que é um espaço educativo que objetiva contribuir para a formação inicial dos estudantes dos cursos de licenciatura na ENS. Essa foi a minha primeira bolsa no valor de 400 reais, e claro que fiquei feliz, pois já ia me ajudar a me manter na Universidade, mas nada melhor do que os conhecimentos que tive lá dentro, como a construção e o entender da ludicidade e suas perspectivas.

Um das vivências que tivemos lá dentro foi o Dia das Crianças, onde eu organizei algumas atividades, e a ideia era que algumas atividades seriam dentro do LEPETE no espaço da brinquedoteca. Iriamos receber uma escola com crianças da Educação Infantil e naquele momento seria o meu primeiro contato como professor, estava ansioso pensando em como essas crianças iriam me receber por conta de ser cadeirante. Chegou o grande dia e as crianças entraram pela porta. Quando me viram, todas elas ficaram olhando para o meu cabelo colorido, minhas pernas e minha

cadeira de rodas, e então chegou a hora de realizar as atividades e uma delas perguntou “Quem é você?”, e eu disse “Sou o Professor Wesley”, e ele voltou a perguntar “Porque você é pequeno?” e eu sem saber o que dizer respondi “Porque o Papai do Céu me fez assim”, e perguntou novamente “Porque você está nesse carrinho?”. Achei engraçado a forma que elas estavam vendo minha cadeira de rodas, talvez nunca tiveram contato com algum cadeirante.

Figura 2 Fotos com as crianças durante as atividades do LEPETE



Fonte: Acervo do autor.

Foi então que perguntei se para elas eu era diferente e elas disseram que sim, falei para elas quer ser diferente era normal. Comecei a trabalhar com elas a importância da inclusão e da aceitação de outras crianças serem assim. Todas elas me olhavam fixamente e prestavam atenção em tudo que eu falava e meu sentimento foi de dever cumprido. Saí daquele lugar feliz porque eu vi que eu SOU realmente o meu objeto de estudo, levando a pauta da inclusão e lutando pela igualdade. Quando terminamos a atividade, as crianças foram me abraçar a ponto de não querer mais me soltarem e agradeceram por aquela aula.

As experiências vivenciadas na UEA foram extremamente importantes para eu perceber que a escola é um espaço para refletirmos sobre nossa prática docente, sendo que é fundamental para que consigamos unir cada vez mais os conhecimentos

teóricos com os práticos, sendo assim uma porta de entrada para o mundo do trabalho pós formação acadêmica. Claro que nunca seremos “profissionais prontos e acabados”, mas a verdade é que quando o curso finalizar, é apenas o começo para uma busca incessante de melhorias como profissional da educação, por isso que a formação continuada é imprescindível nesse trajeto, para que formemos alunos críticos e reflexivos, precisamos sempre beber da fonte do conhecimento, compreender que sempre podemos melhorar na prática docente.

Figura 3 Fotos de diversas atividades do LEPETE



Fonte: Acervo do Autor.

Vale ressaltar que as escolas tem suas lutas e dificuldades, propiciar uma educação de qualidade e inclusiva partindo desse contexto é um tanto quanto desafiador devido as condições da educação em nosso país. Finalizo com a fala de Martin Luther King: “Talvez não tenhamos conseguido fazer o melhor, mas lutamos para que o melhor fosse feito. Não somos o que deveríamos ser, Não somos o que iremos ser, Mas, graças a Deus, Não somos o que éramos” (PENSADOR, 2023, S/P). Sei que não sou mais o mesmo Wesley que entrou na Universidade. O curso de Pedagogia com certeza, trouxe momentos que permanecerão e criarão raízes marcantes em meu caminho de formação acadêmica, assim como as orientações feitas pelos nossos professores que fizeram com que nossas observações/ações/reflexões fossem cada vez mais significativas e específicas.

4 CAPÍTULO III

4.1 Minha vida no Instagram como começou

No ano de 2020, a pandemia de *COVID-19* chegou ao Brasil com uma força muito grande que ninguém esperava, o que deixou todos desolados. As pessoas estavam morrendo muito fácil e aquilo era assustador, famílias ficando sem parentes queridos, pessoas preocupadas com o que ia comer por estarem no lockdown, pessoas que naquele momento estavam ficando sem trabalho. Ficamos tão aflitos que foi quando veio a quarentena, que as pessoas tinham que ficar nas suas casas sem contatos umas com as outras. Assim, o índice de depressão aumentou e foi quando as pessoas que estavam nas suas casas começaram a se renovar e descobrirem coisas novas, ou podemos dizer, que elas queriam ocupar suas mentes e também ganhar uma renda extra

Quando a pandemia começou eu ia entrar no terceiro período da faculdade e foi nesse momento que a Universidade resolveu adotar as aulas remotas para dar prosseguimento às aulas remotas. As dificuldades iam surgir naquele momento pois mesmo com as formações fornecidas pela UEA para os professores e o auxílio conectividade destinado aos alunos de baixa renda, estudar com aulas remotas ainda era um grande desafio.

Esse período de quarentena foi bem difícil, pois nós vimos muitas pessoas perto falecendo, e mesmo assim, eu estava tentando manter o curso. Esse momento foi difícil até de entendermos alguns assuntos porque as aulas eram virtuais. Mas essas dificuldades, tanto para os alunos quanto para os professores, nos fizeram ser fortes e não desistirmos, segurando um na mão outro e quando um queria desistir, o outro vinha e ajudava. Nossa turma sempre foi unida, principalmente na pandemia onde só nos víamos pelas telas do Google Meet.

Nesse período que ficamos em casa, várias pessoas descobriram seus talentos em algo e reinventaram suas vidas, e eu fui umas dessas pessoas que se recriou. Achei algo para ocupar minha mente, pois todas as informações que estávamos recebendo sobre a pandemia eram assustadoras e o uso de redes sociais aumentou nesse tempo, pois como as pessoas estavam impossibilitadas de sair de casa, essa era maneira de manter contato por distância, com isso, a vida ganhou dinamicidade nos seus smartphones. Como as pessoas estavam fissuradas em WhatsApp,

Facebook e Instagram consumindo muito conteúdo, nasceu nesse ciclo uma nova rede social chamada TikTok onde o objetivo era fazer vídeos de forma fácil e rápida para a internet com cerca 30 a 60 segundos.

Milhares de pessoas usavam esse aplicativo (App) como forma de entretenimento e outros para trabalho. Essa plataforma oferece aos usuários uma proporção grande de visualizações por vídeo já que os usuários que gostam do conteúdo curtem e compartilham uns com outros, e tendo em vista um alcance grande e uma certa popularização na internet, vários famosos (*influencer*) nasceram nessa plataforma.

Eu era apenas um usuário do tipo de assistir os vídeos e não um criador de conteúdos, mas os dias foram passando e despertou em mim a vontade de querer fazer vídeos. Busquei uma ideia central e a proposta era que o vídeo tivesse começo, meio e fim. Dentro da plataforma naquele momento estava tendo uma *trend* (desafio ou tipo de vídeo popular do momento), então peguei essa ideia e coloquei um tema que tinha a ver comigo e dei o nome “Coisas que me perguntam quando eu digo que sou cadeirante” e coloquei as perguntas por exemplo: porque você não anda? Porque você é pequeno? Porque você nasceu assim?

Fiz esse vídeo como uma forma de entretenimento, mas busquei levar umas das minhas vivências para as redes sociais transformando em humor, já que as pessoas fazem de fato esses tipos de perguntas para mim na vida real. No dia seguinte o meu vídeo bateu mais de 30 mil visualizações e tendo mais de 10.000 compartilhamentos. Naquele momento, senti que eu estava sendo o motivo de entretenimento, mas levando uma pauta grandiosa em forma de humor, fiquei sem acreditar e perplexo porque estava tendo um alcance que não imaginaria.

Então decidi produzir mais vídeos para o TikTok com vivências da minha vida, da minha trajetória ou até mesmo coisas que aconteciam comigo diariamente. E foi então que comecei a gostar mais desse mundo da mídia, já que para você ser um criador de conteúdo da internet, você tem que atuar, tem que ter uma ideia central e um final que não se espera daquele vídeo. Os meus vídeos começaram a viralizar para outros cantos fora de Manaus e eu conseqüentemente acabei ganhando mais seguidores. A verdade é que de alguma forma eu sabia que naquele espaço eu estava achando uma metade de mim, e que ali eu poderia ser eu mesmo, ser livre, ser criativo, feliz e bem humorado.

Como o TikTok estava fazendo sucesso e os meus vídeos crescendo, eu recebi um convite para participar de um projeto que seria uma casa de 12 *influencers* e íamos nos reunir para fazermos algumas criações de conteúdo. Nesses projetos conheci alguns amigos e com eles aprendi muito, pois na verdade nem me considerava *influencer* já que levava como uma brincadeira.

Confesso que não sabia muito bem qual nicho ia seguir, se seria humor, indiretas ou danças, estava perdido. Os amigos que levei para a minha vida desse projeto foi o William Barão¹ e a Dora de Manaus². Foram as pessoas que no começo me guiaram e me incentivaram com os seus conteúdos e me ajudaram a entender qual a categoria de vídeo que ia seguir, pois os dois tinham conteúdos bem semelhantes e próprios.

Esse projeto foi um ciclo da minha vida onde tive acertos, mas também muitos erros. O plano do projeto era viável, mas os coordenadores agiam de má fé, usando os *influencers* como forma de fechar alguns trabalhos de divulgações e recebiam o valor, porém não passavam para nós. As desculpas era que o dinheiro seria para alugar uma casa que serviria como base para produzir os conteúdos, mas na verdade o dinheiro era usado para outros fins que até hoje não sabemos qual foi.

Em umas das nossas parcerias, eu ganhei uma calda de sereia verde que por algumas semanas deixei-a em casa, mas queria usar para gravar vídeos e comecei a produzir os vídeos vestido de sereia. Agora imagina, eu, um cadeirante com uma calda de sereia passando pela rua, todos ficavam me olhando e rindo achando aquilo engraçado, mas na verdade o que eu queria mesmo era ser diferente e de alguma forma impactar a sociedade.

O tempo foi passando e vi que o projeto não era para mim, eu queria mesmo era explorar mais esse mundo da internet. Acontecia muitas coisas que me chateavam, até que um dia os organizadores me chamaram de “ingrato” pelo simples fato de eu estar crescendo no meio e não levava o nome do projeto comigo, mas na verdade eu queria avançar, então por conta disso eu me desliguei e pensei que eu tinha muito mais capacidade de crescer sozinho, pois de alguma forma eu era

¹ William Barão é um jovem de 19 anos que faz vídeos para a internet voltado ao humor, com aproximadamente 400 mil seguidores nas suas redes sociais, onde o mesmo busca coisas da sua vida e as transforma em humor com seus vídeos.

² Dora de Manaus é um personagem interpretado pelo Davi Cordovil, onde o mesmo busca fazer vídeos de humor vestido com uma peruca preta e roupa rosa. O mesmo tem proximamente 30 mil seguidores nas suas redes sociais e seus vídeos são memes.

desvalorizado e por um momento eu pensei que eu era mais do que aquilo, já tinha vencido tantas coisas e porque não poderia vencer aquilo sozinho?

A internet hoje representa para mim uma quebra de tabu e uma aceitação do meu corpo e de mim, eu sempre postei os meus vídeos no TikTok, mas nunca postava no Instagram porque tinha vergonha de mim mesmo, as minhas fotos eram sempre do tórax para a cabeça, mostrando, mais o rosto, pois as pessoas novas que chegavam no Instagram não sabiam que eu era um cadeirante, mas as que estavam no TikTok visualizavam isso. De certa forma eu tinha um complexo de inferioridade comigo, sabia que precisava acabar com isso, mostrando a minha realidade, os meus vídeos no TikTok estavam crescendo e precisava ser postado no Instagram, até porque eu não tinha um alcance de pessoas em Manaus.

Fiquei com receio de postar os vídeos que tinham viralizado no TikTok para o Instagram, até que um dia eu tive a coragem de pôr, e a minha mente estava complexa. Eu não queria sofrer bullying e piadinhas sobre meu corpo. A verdade é que quem é PCD no começo sofre por se cobrar demais, por querer ser igual aos outros. Eu, por exemplo, queria ter um tamanho padrão, um corpo bonitinho, umas pernas grossas, tinha uma ideia estereotipada, mas vi que não precisava ser assim para ser feliz, tudo que passei até aqui me fez ser forte, por isso ressalto que a sociedade não deve padronizar para sermos alegres, seja você mesmo com suas diferenças.

Quando eu postei o vídeo no Instagram vi que as pessoas tinham gostado do conteúdo e que tinha muitas visualizações e compartilhamentos, pois era engraçado um menino na cadeira de rodas vestido de sereia, mas ao mesmo tempo, teve alguns que não gostaram, os famosos “haters”, com comentários do tipo “que vergonha que esse menino está passando” ou “vai procurar o que fazer”. Essas críticas me deixavam para baixo, mas nunca pensei em desistir. Percebi que estava ganhando o meu espaço nesse meio digital e tendo um reconhecimento regional.

Os meus amigos sempre me chamavam de alegre e diziam que por onde eu passava deixava rastro de risos, não acreditava, pois, o que estava vivendo era os meus momentos, só queria deixar as coisas fluírem e eu ser eu mesmo.

Com o tempo, percebi que aquela calda de sereia verde não fazia sentido, então busquei me renovar e procurar um outro personagem que fizesse sentido comigo e com as pessoas, foi então que me lembrei de um amigo que fazia vídeos comigo no projeto com os outros influencers que se chama David Cordovil. Ele é um

jovem negro que vem de uma família bem humilde e que vinha vencendo o preconceito como forma de humor, por causa da sua cor e por onde ele passa deixa pegadas de alegria.

No mundo virtual, ele é mais conhecido como Dora de Manaus, pois ele se veste e age como o personagem do desenho. Eu achava admirável, atraente, pois onde ele passava as pessoas gostavam e o reconheciam, e eu queria isso de alguma forma para criar minha própria identidade.

Mas porque eu escolhi o personagem Super Mario como minha identidade? Na verdade a grande maioria das gerações anteriores já teve algum contato com o jogo, eu mesmo me lembro que na minha infância eu ganhei um console da Nintendo que tinha vários jogos, entre eles o mais famoso era o do Mario. Quando se fala em Super Mario, nos lembramos da infância, de momentos inesquecíveis e acredito que é a mesma comparação que falamos da boneca Barbie que existe uma história, principalmente com as meninas.

Um dos motivos que me identifiquei foi porque na série Mario, existe uma subsérie de jogos de corrida chamado Mario Kart, onde o próprio Mario usa um carrinho de corrida (Kart) para correr nas pistas. E, pelo fato de eu usar uma cadeira de rodas (ou como as crianças falam “carrinho”) e ambos serem rápidos, desse modo mandei confeccionar um macacão azul e a camisa vermelha do personagem e, para ficar mais atraente, eu pintei o meu cabelo de azul e vermelho, e ali eu estava despertando uma lembrança em mim e que queria passar para o meu público.

Deixei as coisas acontecerem naturalmente, até que passei a fazer os meus vídeos vestido de Super Mario. Precisava também mudar o meu nome para um nome artístico, pensei bastante e deixei de ser Wesley Menezes e passei a ser “Wesley com Rodas”, na figura 4 elaboramos um mosaico com algumas fotos do meu Instagram.

Figura 4 Fotos do meu Instagram: “Wesley com Rodas”



Fonte: <https://www.instagram.com/wesleycomrodas/>

De modo prático, interliguei a palavra cadeira de rodas e consegui chegar a essa conclusão, e como eu queria algo que chamasse a atenção e já tinha as roupas azul, vermelha e o cabelo colorido, pedi para fazer uma calota que fica no centro das rodas da cadeira. Essa calota é toda colorida e tem duas frases que marcam muito minha vida, uma delas é a “que a inclusão vire rotina” pois onde nós PCDs por onde passamos temos que deixar nossas marcas sem qualquer preconceito. E a outra frase foi a do humorista Paulo Gustavo³ que infelizmente faleceu por COVID-19: “rir é um ato de resistência”, pois todos nós precisamos rir para viver.

Nem eu mesmo sabia qual iria ser meu público, e hoje posso dizer que famílias me acompanham, sendo o público principalmente crianças já que as minhas vestimentas chamam muito a atenção delas. Já passei por situações onde eu estava em uma festa com meus amigos e uma mãe chegou comigo e disse “Meu Deus minha filha te segue, ela te ama, posso tirar uma foto com você?”. Eu fiquei todo

³ Paulo Gustavo Amaral Monteiro de Barros foi um ator, humorista, diretor, roteirista e apresentador brasileiro.

envergonhado porque meu mundo é no celular, na internet e não conseguia ver esses seguidores presencialmente, mas quando eu saí para fora desse local, comecei a entender que existem pessoas que gostam efetivamente do meu trabalho.

Uma das minhas vivências mais incríveis também foi durante a participação do vídeo clipe da Influenciadora e Cantora Ruivinha de Marte⁴, onde a própria mandou mensagem nas redes sociais me convidando para essa participação. Fiquei sem acreditar e feliz, não podia contar para ninguém, só na data da gravação. No meio de tantos *influencers* em Manaus, ela tinha me selecionado.

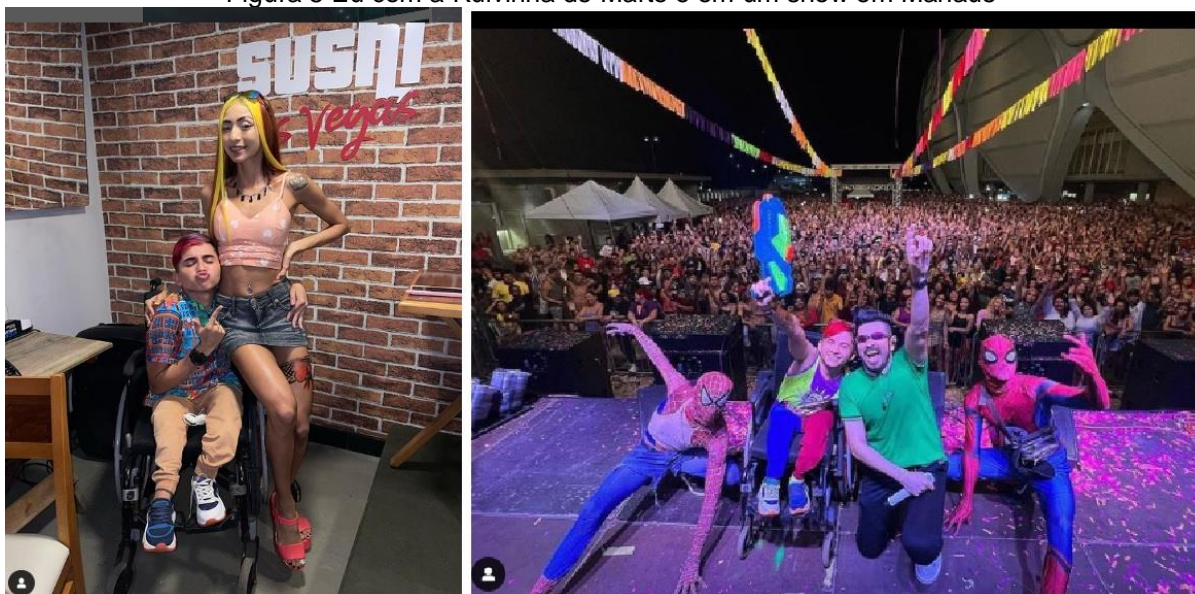
Ruivinha de Marte é um fenômeno e uma grande influenciadora no Brasil, sendo uma grande inspiração para mim, pois a mesma viralizou na plataforma do TikTok onde vivia em uma casa alugada e foi proibida pelos proprietários de gravar seus vídeos no beco onde tinha sido reconhecida. Ruivinha atualmente tem mais de 5 milhões no Instagram e mais de 16 milhões no TikTok, a mesma participou de programas com audiência nacional como o do Rodrigo Faro⁵ e o reality “A Fazenda” que é na emissora TV Record.

No dia da gravação do clipe, ela pediu para eu ir vestido de Super Mario e chegando ao local tomei um susto porque tinha uns 10 *influencers* renomados e reconhecidos em Manaus. Não sei, mas estava me sentindo incapaz de estar ali, mas claro meu coração estava palpitando de alegria e me mantive seguro. Os seguidores da Ruivinha de Marte em geral são adolescentes e crianças, e isso também acabou contribuindo para o meu foco ser nas crianças.

⁴ Anny Bergantin, mais conhecida como Ruivinha de Marte é uma cantora e influenciadora amazonense de 24 anos. Ela participou de diversos clipes como “No Chão Novinha” de Anitta e Pedro Sampaio.

⁵ Rodrigo Faro é um ator, ex-cantor e atualmente apresentador na emissora Record.

Figura 5 Eu com a Ruivinha de Marte e em um show em Manaus



Fonte: <https://www.instagram.com/wesleycomrodas/>

Em Manaus, existem alguns sites de fofoca que são bem conhecidos e no dia da gravação o projeto dos influencers publicou nesse site uma matéria que dizia “Projeto chama Wesley com Rodas de ingrato”. Aquilo me doeu bastante, justo no dia de uma gravação de um clipe. Eu estava vivendo coisas ruins na minha vida que a internet estava me proporcionando, mas Ruivinha de Marte chegou comigo e disse que não era para eu ficar triste, pois eu ainda ia crescer muito. Naquele momento limpei o rosto, coloquei um sorriso no rosto e fui fazer a minha participação.

Os meus amigos sempre me apoiam nas minhas loucuras e acredito que se não fosse por eles eu não teria conseguido chegar nesse mundo virtual. As ideias sempre partiram de mim, mas nunca gravei sozinho, sempre precisei de atores extras. Os meus vídeos se baseiam nas minhas vivências, coisas que acontecem no dia a dia, e as vezes ligo pra eles “Paulo⁶, vamos gravar eu, tu, e o Glebson⁷ às 16 horas, vou ligar pra Natália ser a nossa câmera”. Como eles gostam, vão, seguram na minha mão e fazem acontecer. Quantos vamos analisar, o vídeo está sendo muito compartilhado e fico muito grato por ter amigos assim. Eles são a minha base.

Todos os vídeos são produzidos na rua da minha casa, algumas vezes até usei meus vizinhos e crianças como atores e eles gostam. Antes de ser *influencer* eu já era conhecido no meu bairro, mas depois que passei a ser, sou visto como o

⁶ Paulo tem 17 anos e é um amigo de infância que gosta de gravar vídeos comigo.

⁷ Glebson tem 18 anos, é vizinho da mesma rua que eu moro e que gosta de participar dos meus vídeos.

“famosinho da minha comunidade” conforme fui ganhando essas vivências. Eu fui proporcionando coisas para a minha comunidade graças à internet, como ações sociais no Dia da Páscoa, Arraial Beneficente e doação de ranchos. É muito gratificante fazer isso no meu bairro onde me criei e onde os moradores me respeitam. Quero poder crescer mais e ajudar mais as pessoas, para mim, vai muito além do que só ações sociais, é ajudar quem está ao meu lado.

Um dia, recebi uma ligação da Rede Amazônica (Filiada da Rede Globo no estado do Amazonas) e disseram que queriam gravar uma matéria para o programa “Zapeando” e que um dos meus vídeos tinha chegado até eles. Queriam conhecer minha história de vida e o local em que eu gravava os vídeos, e foi nesse momento que caiu a ficha: eu realmente virei um *influencer* em Manaus. Eu ia ter a minha primeira aparição na TV e chorei de alegria pois eu vi que aquela brincadeira lá atrás estava fazendo sucesso.

Chegou o dia que o programa de TV foi ao meu bairro, na minha casa. Chamei os meus amigos que gravam vídeo comigo (pois eles não poderiam ficar de fora) e ficaram feliz com essa conquista. O apresentador Dieguinho⁸ me entrevistou para querer saber como tinha surgindo o personagem do Super Mario e como tudo isso começou, minha família estava muito orgulhosa de mim e lembro que minha mãe falava para o pessoal do trabalho que eu ia aparecer na TV, sem contar os vizinhos que estavam sem acreditar.

No dia que o programa foi ao ar, minha família se reuniu na sala de casa para assistir e foi aquela gritaria de felicidade. Percebi que ganhei muitos seguidores e que tinha me dado bastante audiência, e minha família sempre me incentivou e me apoiou. Quando comecei a andar na rua, as pessoas me olhavam bastante e pediam para tirar foto comigo, eu não sabia nem o que fazer, porque estava sem acreditar que aquilo estava realmente acontecendo comigo, as crianças me paravam e diziam “Mamãe olha aquele menino do Mario da TV”. Isso é tão satisfatório, esse reconhecimento, essa valorização, tanto que hoje em dia eu sempre mostro nos meus *storys* no Instagram o meu dia a dia com os meus vizinhos e minha comunidade.

Hoje a internet é um canal de transmissão para as empresas e as portas são os *influencers* digitais para vender os seus produtos, e como eu já era conhecido,

⁸ Dieguinho é o apresentador do programa Zapeando na Rede Amazônica em Manaus afiliada da emissora Globo.

várias marcas e empresas me procuram para divulgar seus produtos e como uma forma de trabalho, em troca eles me pagam pelo serviço. Com isso, fiquei mais feliz, pois o dinheiro ajuda nas coisas de casa, ainda mais em tempo de pandemia. Houve até momentos em que eu dizia que não queria mais ganhar as coisas pois já estava com muita demanda de divulgação.

A internet sempre me proporcionou coisas boas, uma delas foi a mudança no meu sorriso. Meus dentes eram fracos, feios, e espaçosos por conta da deficiência e era uma coisa que me incomodava muito. Eu já tinha vergonha do meu corpo, agora imagina do meu sorriso. Até que um dia uma nova parceira surgiu, uma doutora chamada Daiana⁹ que disse para mim que iria me dar toda a base para fazer a transformação nos meus dentes, fiquei assustado pois o tratamento era bem caro e eu não tinha condições de pagar, mas a internet me proporcionou isso.

A doutora fez um procedimento chamado Facetas de Resina Composta, o famoso dente de artista. Quando eu vi o resultado eu me vi como uma nova pessoa, passei muito tempo com esse complexo de sorriso feio e hoje tenho um radiante, que combina com os meus vídeos. Todos nós sabemos que o cartão postal do nosso rosto é o nosso sorriso, e agora eu estou preparado para levar humor.

Com isso, eu próprio já tinha me descoberto, eu já estava gostando desse mundo virtual e as aulas remotos continuavam acontecendo. Chegou o tempo de voltar para a Universidade com as máscaras nós estávamos no 6º período, e eu fiquei com receio de voltar pois não sabia se eu ia continuar gostando do curso e como os meus amigos de classe ia me receber, pois eu estava em outra dinâmica da minha vida. Quando voltamos, percebi que a turma me abraçou me chamando de “O mais novo *influencer*”, e continuei a cursar Pedagogia me sentindo acolhido.

No primeiro estágio supervisionado na educação infantil, as professoras fizeram uma atividade e perguntaram se eu poderia ajudar e disse que sim, então eu chamei um amigo meu, o “homem aranha”, e montamos uma peça sobre o livro perdido e eu fui vestido de Super Mario. As crianças não tiravam o olho da gente e aquilo era muito atrativo para elas, tanto que quando acabamos de fazer a peça todas elas foram nos abraçar e não queriam mais nos deixar.

⁹ Dr.^a Daiana Esashika é uma dentista formada pela Faculdade Nilton Lins e atualmente tem várias parcerias com blogueiros de Manaus. É especialista em facetas em resinas composta e assim vem mudando a autoestima de muitas pessoas através do sorriso.

Já no segundo estágio supervisionado, a escola já me conhecia como “Wesley com Rodas” e todos ficaram admirados comigo por estar estagiando lá. As crianças sabiam quem eu era, pois já tinham visto alguns vídeos e a minha aparição na TV. A diretora da escola solicitou que eu fizesse um tour pelas salas de aulas e quando as crianças me viam ficavam todas vibrantes querendo tirar foto comigo, e pediram até autógrafos. Quando eu fui tentar dar aula, não conseguia por que elas olhavam para meu cabelo e perguntavam como é que eu fazia TikTok. Meu sentimento era de gratidão pois estava tendo um alcance de crianças que eu não esperava.

Essa loucura que estava acontecendo comigo me deixava bem confuso e queria desistir do curso de Pedagogia sendo que já estava no 7º período, mas para mim, não tinha nada a ver o curso com a vida de *influencer* que estava levando e queria me dedicar onde eu mais gostava. A UEA oferecia psicólogo para os alunos que foram afetados com depressão durante a pandemia e solicitei uma consulta para tentar entender o que estava acontecendo comigo e como eu poderia resolver esse problema, mas infelizmente por conta da demanda, não tive êxito em ser atendido.

Então busquei conversar com meu amigo mais próximo, e até que eu tive um diálogo com o aluno Stivsom Menezes¹⁰ que por ventura era do mesmo curso que eu, mas a diferença é que ele estava em um período avançado. Falei para ele “Mano quero desistir do curso, pois esse curso não tem nada a ver com o que eu estou vivendo nas redes sociais”.

Porém, ele me provou o contrário e mostrou que a Pedagogia estava inserida sim nos meus vídeos e no meu contexto de vida, disse que o fato de eu usar a roupa do Super Mario, que é um personagem infantil, com um cabelo colorido e uma cadeira de rodas chamando atenção, isso tudo era lúdico que eu poderia trabalhar de forma mais alegre com as crianças, principalmente levando em consideração o contexto da inclusão e a aceitação de uma forma mais leve e dinâmica. Ele deu o exemplo dele que toca percussão e que a vida dele é viver desse mundo de artes, onde conseguia levar para as crianças esse mundo mágico da música e seus instrumentos. Então foi aí que pude perceber que conseguiria unificar a Pedagogia com a vida de *influencer*.

O Stivsom me levou para conhecer alguns amigos dele e trocar algumas experiências, e foi aí que eles me apresentaram um projeto chamado Allegriah, que é um grupo de artes integradas (teatro, literatura e música como base na educação e

¹⁰ Stivsom Menezes foi um aluno de pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas e amigo meu.

na cultura) que tem como fidelidade a produção de eventos socioculturais. Achei aquele trabalho incrível pois todos os integrantes do grupo eram formados na UEA e faziam coisas fantásticas no mundo real, enquanto eu fazia no mundo digital. Aprendi com eles que temos que olhar para as crianças e as comunidades mais carentes com um objetivo de fortalecer a educação sem perder sua essência do seu local.

Com as minhas conquistas na internet consegui fechar várias parcerias e divulgações, consegui pagar minha habilitação de carro com dinheiro de trabalho dos meus vídeos e lembro que quando comecei a gravar no início, meu celular era um bem inferior com uma qualidade de câmera ruim, mas mesmo assim sempre fui persistente e hoje eu tenho um dos melhores smartphones com uma qualidade de câmera surpreendente, que consegui adquirir com o dinheiro da internet. O meu quarto só tinha uma cama e hoje tem uma televisão smart, painel de TV, escrivaninha, guarda roupa, cabeceira de cama, um baú de puff e cortinas, tudo isso graças a esse trabalho que começou apenas como uma brincadeira.

Depois da primeira aparição na TV, tive as outras oportunidades de exibição em outras emissoras como o Programa do Sikeira Jr.¹¹, que é um jornal de notícias na TV Acrítica, fui em Podcasts, fui ao programa da emissora da Band “Programa do André Luiz” e conheci outros *influencers* de grande nome no Brasil, como Cremezinho¹² e Bruno Diferente¹³. Além disso, fiz vídeos com as cantoras MC Danny¹⁴ e Joelma¹⁵, ex-integrante da banda Calypso, além de outros artistas. Isso tudo contribuiu para que eu pudesse ter mais reconhecimento.

Mas ao mesmo tempo que isso era bom, também me causava aflição. Hoje tem muitas pessoas que chegam próximo de mim pelo que eu posso oferecer, não pelo Wesley Menezes em si. Chego a ficar triste, pois não queria que as pessoas me vissem como um simples objeto de uso. Não é a toa que até o meu trabalho de conclusão de curso, eu sou o tema central. Já tive momentos em que eu queria desistir

¹¹ Sikeira Jr. é um apresentador de jornal da emissora TV Acrítica em Manaus. O seu jornalismo tem um pouco de humor o que o diferencia dos demais.

¹² Cremezinho é um influencer nacional com mais de 5 milhões de seguidores que ficou conhecido com dancinhas na internet.

¹³ Bruno Diferente é um influenciador nacional com mais de 4 milhões de seguidores que ficou muito conhecido pelo suas caras e bocas e que acabou virando meme, sendo compartilhado por vários usuários do Instagram.

¹⁴ Mc Danny é uma cantora de brega funk nacional que tem muitas músicas de sucesso com mais de 1 milhão de seguidores no Instagram.

¹⁵ Joelma da Silva Mendes, mais conhecida apenas como Joelma, é uma cantora, dançarina, coreógrafa, compositora e empresária brasileira.

da vida de internet, pois existem pessoas que não gostam de ver a sua felicidade alheia. Já aconteceu situações onde pessoas vieram nos sites de fofoca falar sobre minha deficiência usando om termo pejorativo de “aleijadinho”.

Esse termo por muito tempo me cercou no Ensino Fundamental onde eu ficava muito magoado. As pessoas sempre me olhavam como um coitadinho, um menino com as pernas atrofiadas e que outras crianças olhavam estranho, meu sentimento era de desprezo. Hoje a internet conseguiu mudar isso, “eu sou esse aleijadinho, mas tenho uma trajetória de vida incrível e uma essência que ninguém vai tirar”. Se não tivesse passado por isso, eu não teria chegado até aqui. Hoje escrevo isso com lágrimas nos olhos e com um coração que palpita de alegria, pois estou perto de acabar minha primeira graduação e não me vitimizo, mas quero ser exemplo pra muitos, principalmente nessa área da Pedagogia onde eu sou rodeado de crianças que gostam de mim e que vão me amar, mas ainda com a contribuição que irei dar com a educação e com os saberes que aprendi na Universidade.

CONCLUSÃO

Nosso percurso com o personagem Mario Bros e como aluno de Pedagogia com deficiência da UEA, no âmbito das redes sociais, especificamente o Instagram, tem sido um testemunho das profundas influências destas plataformas no processo de ensino e aprendizagem. A transformação do Wesley sobre Rodas, em influenciador digital, com a sua personagem nas redes sociais, proporcionou-nos uma narrativa que sublinha o imenso potencial das redes sociais no campo da educação. Ao longo desta discussão, aprofundámo-nos nas várias facetas do percurso pessoal, destacando o impacto que a personagem teve no meu crescimento, na busca por reconhecimento e na sua abordagem inovadora para levar a educação a um público mais vasto de uma forma lúdica.

A história aqui descrita, demonstrou como as redes sociais podem servir como uma ferramenta poderosa para a autoexpressão e o empoderamento. Como estudante com deficiência, enfrentamos e enfrento desafios únicos na jornada académica. Porém, através da criação do personagem Mário nas redes sociais, foi o local que se encontrou uma plataforma onde minha voz poderia ser amplificada e minhas ideias alcançariam um público global. Esta nova visibilidade não só aumentou a minha autoestima, mas também permitiu conectar-se com outras pessoas que partilham as suas experiências, criando uma comunidade de apoio que transcende as barreiras físicas.

A construção do personagem Mário no Instagram por meio da página Wesley com Rodas, também destaca o poder transformador da identidade digital. No mundo online, os indivíduos têm o poder de criar e curar as suas personagens, permitindo-lhes transcender as limitações das suas circunstâncias físicas. O personagem de Mário tornou-se um símbolo de resiliência e criatividade, inspirando outros a abraçar a sua singularidade e perseguir os seus sonhos. Isso ilustra como a mídia social pode ser um catalisador para o crescimento pessoal e a autodescoberta.

A construção do personagem Mário também destaca a importância da representatividade na educação. Como estudante com deficiência, nossa jornada serve de inspiração para outras pessoas que poderiam ter se sentido marginalizadas ou negligenciadas. O sucesso nas redes sociais quebrou estereótipos e provou que a deficiência não define o potencial de alguém. Isto sublinha a importância das diversas

vozes no panorama educativo, uma vez que podem inspirar e capacitar indivíduos de todas as origens.

Além do crescimento pessoal e da capacitação, a jornada de personagem Mario por nós utilizada no Instagram também teve um impacto tangível na comunidade educacional mais ampla, devido a capacidade de se conectar com alunos e educadores nos permite criar uma ponte entre a teoria e a prática.

A jornada do personagem Mário também destaca o alcance global das redes sociais e a sua capacidade de transcender fronteiras geográficas. Através do Instagram, consegui me conectar com um público diversificado de todo o mundo, promovendo intercâmbios interculturais e enriquecendo a experiência educacional. Esta interconectividade global sublinha a importância de preparar os alunos para navegar num mundo digitalmente conectado e interagir com diversas perspectivas.

O sucesso do personagem Mário como influenciador digital também esclarece as possibilidades de monetização das mídias sociais na educação. Embora o seu objetivo principal fosse partilhar conhecimento e inspirar, também demonstrou que os educadores podem gerar rendimentos através da sua presença online. Isso abre novos caminhos para os educadores se sustentarem financeiramente enquanto perseguem sua paixão pelo ensino.

Nosso personagem Mario no Instagram também ressalta a importância da autenticidade no mundo digital. Enquanto interpretava um personagem, sempre permaneci fiel aos valores e crenças fundamentais. Essa autenticidade repercutiu em nosso público e promoveu a confiança, um elemento vital na educação online e no marketing de influenciadores.

A trajetória do personagem Mário na construção da influência digital no Instagram e como aluno deficiente de Pedagogia da UEA tem sido um testemunho notável das influências multifacetadas das mídias sociais no processo de ensino. Nossa jornada abrangeu crescimento pessoal, capacitação, inovação na educação, conectividade global, narrativa, considerações éticas e a natureza evolutiva da pedagogia na era digital.

A nossa transformação num influenciador digital através da criação da personagem Mario Bros nas redes sociais exemplifica o poder das redes sociais para capacitar os indivíduos, transcender as limitações físicas e levar a educação a um público global.

REFERÊNCIAS

AMPER, Fernando. We Are Social e HootSuite - Digital 2023 - VISÃO GERAL GLOBAL. **Amper**, 2023. Disponível em <https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2023-visao-geral-global-resumo-e-relatorio-completo>. Acesso em 15 mai. 2023.

AQUINO, Ítalo de Souza. **Como escrever artigos científicos**. 8ª ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2017.

BALLERINI, Franchesco. **História do cinema mundial**. São Paulo: Summus, 2020.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. 3ª ed. Edição Revista. Campinas: Autores Associados, 2022.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRIZOLA, Evelise et al. Características clínicas e padrão de fraturas no momento do diagnóstico de osteogênese imperfeita em crianças. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 35, p. 171-177, 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rpp/a/LMrg5xkY6qmd9BxLhWgZznS/?format=html>. Acesso em 24 ago. 2023.

CRUZ, Giseli Barreto da. Didática e docência no ensino superior. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 98, p. 672-689, 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/9J9NMWBdXffJfkhsRqfycLJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em 25 mai. 2023.

DE OLIVEIRA, Érico Fernando; DE CARVALHO, André Campos. Análise da Narrativa do Jogo Eletrônico: Estrutura, Imaginário e Mito em Super Mário Bros. **REVISTA PLURI**, v. 2, n. 1, p. 46-54, 2019. Disponível em <https://revistapluri.cruzeirodosul.virtual.com.br/index.php/pluri/article/view/89>. Acesso em 20 ago. 2023.

DE PÁDUA, Elisabete Matallo M. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. Campinas: Papirus Editora, 2019.

DE SOUZA, Laís Machado; FIGUEIREDO, Roniel Santos. Desdobramentos pedagógicos da utilização do Instagram para a promoção da educação ambiental. **Revista Interdisciplinar Sulear**, p. 138-152, 2021. Disponível em <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/5345>. Acesso em 19 ago. 2023.

FAVERO, Rute Vera Maria; FALLER, Bianca; ROSA, Janine. Redes sociais e Educação: um possível encontro. **V SENID-Seminário Nacional de INclusão Digital**, 2018. Disponível em https://www.upf.br/_uploads/Conteudo/senid/2018-artigos-completos/179380.pdf. Acesso em 04 jun. 2023.

FAZENDA, Ivani. **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus Editora, 2017.

FERNANDES, Adriana Martins. **Diagnóstico molecular de osteogênese imperfeita através do sequenciamento paralelo em larga escala de 15 genes candidatos**. Tese de Doutorado em Ciências, Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5135/tde-10122019-103713/en.php>. Acesso em 24 ago. 2023.

GREENHALGH, Mariana Giuberti Guedes; ALVARES, Lillian Maria Araujo de Rezende. As quatro funções da biblioteca pública nas mídias sociais. **Em Questão**, p. 114108-114108, 2022. Disponível em <https://www.seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/114108/0>. Acesso em 25 ago. 2023.

HEGETO, Léia de Cássia Fernandes. Os conhecimentos didáticos na formação de professores. **Formação Docente—Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 11, n. 20, p. 89-108, 2019. Disponível em <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/189>. Acesso em 08 jun. 2023.

KERSCH, Dorotea Frank; MARQUES, Renata Garcia. Redes sociais digitais na escola: possibilidades de conexão, produção de sentido e aprendizagem. **Diálogo das Letras**, v. 6, n. 02, p. 343-362, 2017. Disponível em <http://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/1053>. Acesso em 7 jan. 2023.

JUNIOR, Paulo Roberto de Souza Mesquita. **Uma ferramenta de aprendizagem colaborativa em pares apoiada por rede social**. Dissertação de Mestrado em Ciência da Computação, Universidade Federal de Pernambuco, 2017. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/30493/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Paulo%20Roberto%20de%20Souza%20Mesquita%20Junior.pdf>. Acesso em 1 jan. 2023.

LIMA, Simone Gabriely da Silva; COSTA, Arlene Santos; PINHEIRO, Marcus Túlio de Freitas. Redes sociais na educação: desdobramentos contemporâneos diante de contextos tecnológicos. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 4, p. 42341-42357, 2021. Disponível em <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/12231>. Acesso em 21 maio. 2023.

MACHADO, Leonardo da Costa. **A UTILIZAÇÃO DAS MÍDIAS SOCIAIS NA EDUCAÇÃO: FACEBOOK, INSTAGRAM E WHATSAPP**. TCC em Mídias na Educação, Universidade Aberta do Brasil, 2019. Disponível em <http://dspace.nead.ufsj.edu.br/trabalhospublicos/bitstream/handle/123456789/338/Trabalho%20de%20Tcc%20P%C3%B3s%20-%20Leonardo.pdf?sequence=1>. Acesso em 25 jan. 2023.

MACHADO, Andréia de Bem; LÚCIO, Vera Regina (Org.). **Escola, currículo e tecnologias: desafios e possibilidades para a prática pedagógica**. Curitiba: Editora Bagai, 2021.

MARQUES, Vasco. **Redes sociais 360**. São Paulo: Leya, 2018.

MAZUCATO, Thiago (Org.). **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Penápolis: FUNEPE, 2018.

MEIRA, Luciano; BLIKSTEIN, Paulo. **Ludicidade, jogos digitais e gamificação na aprendizagem**. São Paulo: Penso Editora, 2019.

MELO, Myllena Cândida de; FONSECA, Camila Mose Ferreira da; SILVA, Paulo Roberto Vasconcellos da. Internet e mídias sociais na educação em saúde: o cenário oncológico. **Cadernos do Tempo Presente**, n. 27, mar/abr. 2017. Disponível em <https://ninho.inca.gov.br/jspui/bitstream/123456789/5147/1/Internet%20e%20m%C3%ADdias%20sociais%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20em%20sa%C3%BAde%20o%20cen%C3%A1rio%20oncol%C3%B3gico.%20Cadernos%20do%20Tempo%20Presente%20%20UFS%20%2C%20v.%2027%2C%20p.%2069-83%2C%202017..pdf>. Acesso em 05 jun. 2023.

MILLER, Daniel et al. **Como o mundo mudou as mídias sociais**. Londres: UCL Press, 2019.

MORAIS, Thiago Maciel. **A influência das mídias digitais na linguagem dos jovens: implicações discursivas**. Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade La Salle, 2022. Disponível em <http://svr-net20.unilasalle.edu.br/handle/11690/3254>. Acesso em 2 jan. 2022.

MORETTO, Milena. **A educação a distância na contemporaneidade: Perspectivas e impasses**. Jundiaí: Paco e Littera, 2022.

NETO, Alaim Souza (Org.). **Educação, aprendizagem e tecnologias: relações pedagógicas e interdisciplinares**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018.

OLIVEIRA, Cheila Raiane Menezes; DE SOUZA, José Batista. As potencialidades pedagógicas do Instagram para a docência na educação infantil. **Revista RIOS - Revista Científica do Centro Universitário do Rio São Francisco**, v. 17 n. 34, 2022. Disponível em <https://www.publicacoes.unirios.edu.br/index.php/revistarios/article/view/401>. Acesso em 20 ago. 2023.

PAULO, Inajara Barbosa. **Os Cartoons vão à Guerra: a participação das animações da Warner Bros. na Segunda Guerra Mundial (1942-1945)**. Curitiba: Editora CRV, 2022.

PEIXOTO, Reginaldo; OLIVEIRA, Eloisa Elena de Moura Santos. As mídias digitais no contexto da sociedade contemporânea: influências na educação escolar. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 5, n. 1, p. 80-96, 2021. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/53905>. Acesso em 1 jan. 2023.

PENSADOR. Frases de Martin Luther King. **Pensador**, 2023. Disponível em <https://www.pensador.com/frase/MzQ5NDI5/>. Acesso em 10 jan. 2023.

PEREIRA, Gorete. A aprendizagem colaborativa, porquê?. **Série-Estudos-Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, v. 23, p. 5-25, 2018. Disponível em <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/1957>. Acesso em 28 maio. 2023.

PEREIRA, Adriana Soares et al. **Didática geral**. Santa Maria: UFSM, NTE, 2019.

PEREIRA, Priscila Campos et al. Identificando práticas educacionais no Instagram: uma revisão sistemática. **Itinerarius Reflectionis**, v. 15, n. 2, p. 01-19, 2019a. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Flavio-Borges-2/publication/333859788_Identificando_praticas_educacionais_no_Instagram_uma_revisao_sistemica/links/5f2ea46aa6fdcccc43b3cf4f/Identificando-praticas-educacionais-no-Instagram-uma-revisao-sistemica.pdf. Acesso em 23 ago. 2023.

PEREIRA, Jocimario Alves; JUNIOR, Jairo Ferreira da Silva; DA SILVA, Everton Vieira. Instagram como Ferramenta de Aprendizagem Colaborativa Aplicada ao Ensino de Química. **Revista Debates em Ensino de Química**, v. 5, n. 1, p. 119-131, 2019. Disponível em <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/REDEQUIM/article/view/2099>. Acesso em 2 jan. 2023.

SANTOS, Andrea Pereira dos et al (Orgs.). **Seminário de Letramento Informacional: eixo as bibliotecas e técnico-tecnológico**. Goiânia: Gráfica UFG, 2020.

SANTOS, Priscila Costa. **Redes sociais da internet e políticas públicas educacionais: influências recíprocas**. Tese de Doutorado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2021. Disponível em <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/23980/1/Priscila%20Costa%20Santos.pdf>. Acesso em 1 jan. 2023.

SANTOS, Carla Silvestre et al. Jogos digitais como metodologia para o ensino remoto de física. **Revista Física no Campus**, v. 2, n. 2, p. 7-14, 2022. Disponível em <https://revista.uepb.edu.br/fisicanocampus/article/view/892>. Acesso em 25 ago. 2023.

SANTOS, Alexandy Michel Dantas et al. O uso de mídias sociais como ferramenta de educação em saúde mental: um estudo de caso em página do instagram vinculada a uma universidade pública brasileira. In: **Congresso Internacional em Saúde**, 2023. Disponível em <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/conintsau/article/download/23061/21803>. Acesso em 17 ago. 2023.

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. Nativos digitais: considerações sobre os alunos contemporâneos e a possibilidade de se (re) pensar a prática pedagógica. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 19, n. 2, p. 295-307, 2017. Disponível em <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10955>. Acesso em 28 dez. 2022.

TOMBINI, Cleandro Stevão; ZAMPERETTI, Maristani Polidori. As Redes Sociais nos Espaços de Ensino e Aprendizagem em Tempos de Pandemia. In **Anais do VI Congresso sobre Tecnologias na Educação**, SBC, 2021, p. 158-167. Disponível em <https://sol.sbc.org.br/index.php/ctrl/article/view/17560>. Acesso em 2 jan. 2023.

VALENTE, José Armando; FREIRE, Fernanda Maria Pereira; ARANTES, Flávia Linhalis. **Tecnologia e educação: passado, presente e o que está por vir**. Campinas: NIED/UNICAMP, 2018.

ZENHA, Luciana. Redes sociais online: o que são as redes sociais e como se organizam?. **Caderno de Educação**, n. 49, p. 19-42, 2018. Disponível em <https://revista.uemg.br/index.php/cadernodeeducacao/article/view/2809>. Acesso em 29 dez. 2022.